

## **O Cárcere de Frei Betto: Memórias intelectuais da Ditadura Militar**

Frei Betto, por meio da fundação das CEBs, formadas por leigos e Clérigos, luta contra as injustiças sociais e contra o regime autoritário que se instalou no Brasil após 1964 com a deposição de João Goulart. Frei Betto é analisado por mim neste artigo dentro do eixo temático e com obras específicas: Cartas do Cárcere- Memórias (“Batismo de Sangue” e “Diário de Fernando”) <sup>1</sup>.

A Igreja Católica passou por diversas transformações, propiciando a existência de grupos de clérigos que nem sempre se moveram na mesma lógica da hierarquia da Igreja, e muitas vezes a desafiaram. A militância de Frei Betto dentro dessas transformações da Igreja estudada por Coutrot demonstra a importância do estudo deste intelectual, que por meio de sua rede de relações manteve-se ao lado das forças de mudança contra as de conservação.

Mais do qualquer outro período, talvez, o século XX vive a coexistência muitas vezes conflituada entre as forças de conservação e as de mudança. Este século marca também o deslocamento do centro de gravidade da Igreja Católica outrora contra- revolucionária e que hoje se quer consciência da sociedade moderna. <sup>2</sup>

A Teologia da Libertação tem como os principais elementos que favoreceram a sua eclosão na América Latina a situação política, econômica e social do continente em que a maioria dos países estava sob o governo de regimes militares durante os quais as questões sociais se agravaram. O que em conjunto com o desenvolvimento do marxismo como instrumento de análise social, aliado às mudanças ocorridas dentro da Igreja como a experiência da ação católica e seu método ver-julgar-agir; e eventos como o Concílio do Vaticano II, a conferência de Medellín na Colômbia, considerada o berço da

---

<sup>1</sup>Frei Betto militante do Movimento estudantil desde os 13 anos, dirigiu a Juventude Universitária Católica (JEC) de 1962 a 1964 tendo sido preso pela primeira vez em Junho de 1964. Já em 1965 ingressa na Ordem Dominicana, cursando Filosofia e Teologia, exerce a profissão de jornalista e atua na resistência contra o regime militar, o que motivou a sua segunda prisão de 1969 a 1973. Assessor de diversos movimentos sociais dentre os quais se destacam a partir de 1974 as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) símbolo do modelo de Igreja comunitária defendida pela Teologia da Libertação, a Pastoral Operária de São Bernardo do Campo, e do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae. Foi coordenador de mobilização social do Programa **Fome Zero** entre 2003 e 2004, no governo Lula.

<sup>2</sup> COUTROT, Aline. **RELIGIÃO E POLÍTICA**. IN: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 340.

Teologia da Libertação, as CEBs e o enfrentamento dos bispos aos regimes militares. Conduziu a esta nova teologia <sup>3</sup>.

As Comunidades Eclesiais de Base, modelo de Igreja defendido pelos teólogos da libertação, são o principal local de atuação dos leigos e militantes contrários ao Regime Militar, já que as organizações partidárias estão proibidas de existirem legalmente. Parte é das CEBs que provirão alguns dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no processo de redemocratização do Brasil. Com este processo as CEBs deixam de ser o lugar por excelência onde alguma mobilização política é possível. Pois organizações sociais leigas voltam à legalidade, sendo a possível a formação legal de novos partidos políticos o que, enfraquecendo as CEBs, apesar disto esta organização cristã leiga sobrevive no Brasil e na América Latina de forma redimensionada <sup>4</sup>.

A Teologia da Libertação vai perdendo força a partir do momento em que a Igreja sofre uma volta à política conservadora implementada pelo Papa João Paulo II. Por outro lado, a redemocratização do Brasil acontece fazendo com que essa teologia não atenda mais aos anseios imediatos do povo, perdendo espaço para a teologia da prosperidade <sup>5</sup>, inserida neste novo contexto como aquela que melhor corresponde aos anseios de uma sociedade capitalista e Neoliberal. No entanto, a teologia da libertação não desaparece, só diminui sua publicidade, mas continua a influenciar a política, a exemplo da atuação de seus representantes no governo Lula. Esta teologia adere novas temáticas como ecologia, a liberdade feminina, a fluidez religiosa caracterizando sua nova fase denominada Mística ecológica.

A aproximação da Teologia da Libertação com as religiões orientais ocorre após crise paradigmática do pós 1989 gerada pela queda do socialismo real em todos os movimentos de inspiração marxista. E neste percurso pretende-se seguir as orientações e

---

<sup>3</sup> Ver: DELGADO, Lucila de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: Direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org.). O Brasil Republicano- O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fim do séc. XX. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V.4.

<sup>4</sup> Sobre o modelo de organização das CEBs e o papel dos leigos ver: SILVA, A. A. **Religião e Razão Comunicativa: As Comunidades Eclesiais de Base no Contexto da redemocratização**. 2002. 145 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade de São Paulo. 2002.

<sup>5</sup> É um movimento teológico norte-americano do início do século XX, a partir da interpretação de alguns textos bíblicos. Segue a premissa de que os verdadeiros fiéis a Deus devem possuir excelente situação financeira. Entanto sua abrangência mundial começa a partir dos anos 70.

mapear como as questões dispostas a baixo estão presentes na trajetória intelectual e política de Frei Betto.

### **Cartas do Cárcere: Memórias**

As duas obras a seguir nesta seção que nomeamos Cartas do Cárcere buscam entender a participação deste grupo de jovens religiosos dominicanos no processo de resistências das esquerdas à ditadura militar brasileira, revelando uma convivência nem sempre pacífica entre as esquerdas tradicionais e cristãs. E objetiva principalmente compreender o processo de fabricação das memórias deste período da história brasileira. Enquanto a primeira obra desta seção dedica-se a relação dos dominicanos com os grupos que participaram da luta armada, a segunda dedica-se ao período que estes ficaram aprisionados pelo estado.

As esquerdas tão obcecada pela terra das promissões, pelo futuro messiânico, nem sempre se dá conta de que a direita funda seu poder também na apropriação do passado. A direita na contramão de Hegel, volta atrás para pisar nas pequenas flores que restam no caminho, abrigadas sob a majestosas copas de grandes árvores que lhe dão sombra. Os mortos, a religião, a tradição... eis o que a esquerda por vezes despreza e a direita apodera-se, açambarca <sup>6</sup>.

**Batismo de Sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighela e Frei Tito**, é um livro onde Frei Betto apresenta suas memórias do tempo em que conjuntamente com outros frades dominicanos colaborou com o movimento guerrilheiro na luta contra a ditadura. Além de proporcionar uma visão dos cenários onde ocorreram as mortes de Carlos Marighela e Frei Tito. A edição original da obra pela editora Civilização Brasileira é de 1982, foi ganhadora do Prêmio Jabuti de melhor livro de memórias no mesmo ano, conferido pela Câmara Brasileira do Livro. Aqui iremos trabalhar com a edição revista e ampliada da Rocco de 2006, que contém fatos e nomes omitidos nas edições anteriores. O livro possui seis capítulos mais anexos contendo fotos, documentos da época e as poesias de Frei Tito.

No primeiro capítulo “Carlos, o itinerário”, Betto inicia relatando o anúncio da morte de Marighela durante o jogo Corinthians e Santos no Pacaembu, no qual havia

---

<sup>6</sup> BETTO, Frei. *Batismo de Sangue – A luta clandestina contra a ditadura militar – Dossiês Carlos Marighela & Frei Tito*. Editora Rocco, Rio de Janeiro, (14ª edição, 2006). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009, p. 13.

possibilidade de Pelé marcar seu milésimo gol, o que não aconteceu. Depois o autor traça um perfil do líder revolucionário baiano, filho de pai operário e imigrante italiano e mãe baiana. O poeta Carlos Marighela ingressa aos 18 anos no curso de engenharia da Escola politécnica da Bahia. As divergências entre os líderes comunistas Trotsky e Stálin provocaram impactos nos partidos comunistas distribuídos ao redor do planeta, e no Brasil colaborou para vinda do comunista baiano para São Paulo, que abandona o curso de engenharia para ajudar no gerenciamento da crise e editar a revista do partido.

Marighela mantém-se fiel à linha de inspiração soviética. Após a vitória dos guerrilheiros em contraponto a análise do partido socialista cubano, a luta do povo vietnamita, e o golpe militar do Brasil em 1964 levam Marighela a rever seu posicionamento. A prisão em que foi submetido em maio de 1964, e a sua postura de reagir contrariava as diretrizes do partido, o coloca em conflito com a direção do PCB, fazendo com que ele renunciasse o seu cargo na executiva nacional, entretanto permanece no comitê estadual de São Paulo por mais algum tempo.

Seria fácil- e leviano – dizer hoje, que aqueles militantes foram envolvidos numa aventura guerrilheira incapaz de avaliar corretamente a conjuntura do país. É cômodo julgar, do alto de nossas ideias tão arrumadas, impecavelmente imaculadas, a prática de quem ousou sujar as mãos quando o regime militar não admitia forma luta legal. Essa coragem, que sacrificou prematuramente vidas heroicas, não exime, entretanto, da crítica e da autocrítica- faces de uma mesma moeda, muito valorizada nos meus anos de cadeia, entre 1969 e 1973. Assisti infundáveis discussões de presos políticos que pegaram em armas no esforço de compreender melhor o que lhes havia sucedido <sup>7</sup>.

“Sul, A travessia”, é o segundo capítulo onde Frei Betto explica como se envolveu com a ALN, e qual o seu papel e dos dominicanos junto à organização. Betto na época trabalha no teatro Oficina com José Celso Martinez Correa, conhece Carlos Marighela por intermédio do Frade Dominicano Oswaldo Rezende em 1967. Aluno da Faculdade de Filosofia da USP Rezende, levou um professor ao convento de Perdizes, que possuía interesse em conhecer melhor a renovação da Igreja, o professor “Menezes” e os dominicanos dialogaram principalmente sobre o Concílio do Vaticano II, ao despedir-se entrega um embrulho aos dominicanos dizendo que são livros que ele

---

<sup>7</sup> BETTO, Frei. Batismo de Sangue – A luta clandestina contra a ditadura militar – Dossiês Carlos Marighela & Frei Tito. Editora Rocco, Rio de Janeiro, (14ª edição, 2006). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009, p. 260.

escreveu e vai embora quando o embrulho é aberto descobre-se que os livros são de Marighela. Posteriormente os frades se encontram de novo com Carlos Marighela nos fundos de uma sapataria, falam sobre o apoio logístico que os dominicanos podem prestar à ALN.

O apoio que os dominicanos prestavam aos perseguidos políticos variavam desde encaminhar as pessoas em locais seguros, a exemplo do próprio convento, até transportá-los para outras cidades ou países. Além de acalmar as famílias, mapear os locais onde a ALN pensava em implantar a guerrilha.

O auxílio que prestávamos, no convento das Perdizes, aos antigos colegas de Faculdade ou profissão, não chegava a ser um trabalho sistemático, muito menos organizado como Célula de uma facção política. Acolhíamos pessoas filiadas a tendências políticas diversas que, por se colocarem em oposição ao regime, eram perseguidas. Por ali passaram José Dirceu, Luís Travassos, Wladimir Palmeira e a sua mulher Ana Maria; e militantes da ALN, da VPR, da Ação Popular, MR-8, do PCB e do PCdoB <sup>8</sup>.

Frei Betto terminara o curso de Filosofia e ganhara uma bolsa para doutorar-se em teologia na Alemanha, no intervalo em que espera a data da viagem chegar, transfere-se para o seminário Jesuíta do Cristo Rei em São Leopoldo no Rio Grande do Sul, onde seu primo João Batista Libânio<sup>9</sup> leciona teologia fundamental. Os fatos de o regime do lugar ser de internato e de Frei Betto não ser conhecido na região, o ajudaram a desempenhar a função de atravessar pela fronteira perseguidos políticos.

O capítulo três é “Prisão o labirinto” descreve a perseguição impelida aos Dominicanos pelos agentes da repressão. A partir de prisões feitas pelos agentes repressores estes encontraram referências a nomes e endereços de diverso dominicanos, a partir daí estes entraram nas listas de procurados pelos repressores.

“Morte, a Cilada” é o quarto capítulo, onde o autor narra e discute o papel dos Dominicanos na Morte de Carlos Marighela. A repressão aumentou depois do sequestro

---

<sup>8</sup> BETTO, Frei. Batismo de Sangue – A luta clandestina contra a ditadura militar – Dossiês Carlos Marighela & Frei Tito. Editora Rocco, Rio de Janeiro, (14ª edição, 2006). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009, p. 81.

<sup>9</sup> Padre Jesuíta, teólogo doutor pela Pontifícia Universidade de Roma, professor da Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte. É autor de diversas obras sobre a Teologia da Libertação e orienta distintas pesquisas sobre o tema. Apresenta um estudo panorâmico sobre a obra de Leonardo Boff em 2008 no livro Leituras Críticas sobre Leonardo Boff.

do embaixador americano Charles Elbrick, em setembro de 1969. Aparecem indícios de que os Dominicanos estavam sendo vigiados a exemplo do ponto de taxi em frente à livraria Duas cidades, que só recebia passageiros saídos da livraria, os frades e pessoas ligadas a eles sentiam-se vigiadas. Paulo de Tarso Venceslau, militante da ALN, que participara do sequestro do embaixador é preso e como levava consigo o endereço do convento e o nome de Frei Fernando de Brito e Frei Ivo Lesbaupin aqueles religiosos são objeto de investigação. Frei Luiz Filipe Raton Mascarenhas consegue marcar uma reunião entre Marighela e o grupo dominicano no apartamento do ex- Frei Maurício, Marighela chega acompanhado por uma mulher. Frei Fernando deixa o líder militante a par da situação, que avalia os erros e acertos no trabalho desenvolvido. Ordena que os dominicanos só obedeçam as suas instruções e não mais as do comando estadual.

Frei Betto trata da repercussão do caso na mídia e das controvérsias sobre a maneira e o local onde Marighela fora assassinado de dentro ou fora do carro. Entretanto a parte mais polêmica do livro é o embate travado entre Frei Betto e Jacob Gorender acerca da responsabilidade dos Dominicanos sobre a morte de Carlos Marighela.

A maneira segura e progressiva como a repressão se comportava demonstrava que possuía outras pistas de Marighela, além da palavra dos religiosos. Jacob Gorender, em seu livro *Combate nas Trevas*, afirma que “nos cárceres-aqui, o testemunho é meu – era generalizada a convicção dos presos políticos acerca da responsabilidade de Fernando e Yves na tragédia da Alameda Casa Branca” (p.197). E acrescenta mais adiante ‘O meu silêncio de historiador significaria conivência com a versão divulgada por Frei Betto, em curso no Brasil e no exterior . Silêncio inadmissível diante do compromisso que o historiador tem com a verdade (...) Frei Betto preferiu a meia verdade, o que é igual a meia falsidade’. Sua versão reconhece a que sobe tortura, Fernando e Yves (hoje ex-frade) denunciaram o dispositivo de ligação com o líder da ALN. Veja-se bem: não sou o primeiro na área de trazer isto a público. Precedeu-me Frei Betto. Mas sua versão acumula invenções...’ (PP.198). Não foram os frades que procuraram a polícia. A polícia prendeu-os e torturou-os. Gorender isenta Paulo de Tarso Venceslau de ter delatado os frades (pp.198-199) e não esclarece como a repressão soube que um grupo de dominicanos, servia de apoio logístico a Marighela. E o que é mais estranho: um historiador jamais despreza uma fonte viva, ainda mais se os dois residem no mesmo país. Gorender nunca demonstrou interesse em entrevistar Ivo e Fernando, mas teve o cuidado de ouvir a versão de Paulo de Tarso Venceslau, como se o visceral anticlericalismo incutido em alguns comunistas brasileiros tivesse ainda o peso capaz de prejudicar a objetividade de quem pretende

encarar a história pelo método científico. O compromisso com a verdade deve estar acima dos preconceitos <sup>10</sup>

O quinto Capítulo é “DOPS, a catacumba”, o autor relata o encarceramento e a vida dos dominicanos no Departamento de Ordem Política e Social, após a morte de Carlos Marighela. O último Capítulo “Tito, a paixão”, retrata os percalços de Frei Tito de Alencar, desde a sua prisão ao seu falecimento trágico na França em decorrência dos transtornos mentais desenvolvidos por meio das torturas sofrida durante a ditadura militar.

**Diários de Fernando: Nos Cárceres da ditadura militar brasileira**, Frei Betto é responsável por conceder tratamento literário às anotações de Frei Fernando Brito, realizadas durante os quatro anos de prisão a que foi submetido junto a seus Confrades. Esse documento histórico permaneceu inédito por quase quarenta anos. Frei Fernando anotava em papel de seda tudo o que vivia, logo após desmontava uma caneta Bic opaca, cortava ao meio o canudinho de carga, encaixava o diário e remontava novamente a caneta que era trocada por outra idêntica no dia de visita. Entretanto algumas folhas do diário se perderam em decorrência de destruição feita pelo próprio Frei Fernando em situações de risco onde ela poderia cair em mão da repressão. O livro é composto por dez capítulos, que têm como título o lugar onde se estava preso e a data.

No DOPS em Novembro de 1969, estão presos os frades Fernando de Brito, Tito de Alencar e Ivo Lesbaupin<sup>11</sup>, a espera e a procura de notícias de Frei Betto preso em Porto Alegre, pois estão preocupados, Betto está nas mãos do chefe do esquadrão da morte, o delegado Fleury. Neste Castelo, templo da tortura, os frades se relacionam com o pavor a todo o momento é só a pessoa escutar o seu nome e a ordem para subir. Entretanto nesta sucursal do medo os presos políticos procuram construir um espírito de comunidade. Uma das passagens mais significativas deste capítulo é o interrogatório sofrido por Frei Fernando realizado pelo jornalista ultramontano Lenildo Tabosa Pessoa e pelo delegado Alcides Cintra Bueno, objetivando saber qual a relação de D. Elder Câmara com Marighela.

---

<sup>10</sup> BETTO, Frei. Batismo de Sangue – A luta clandestina contra a ditadura militar – Dossiês Carlos Marighela & Frei Tito. Editora Rocco, Rio de Janeiro, (14ª edição, 2006). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009, p. 257.

<sup>11</sup> Filósofo e sociólogo, atualmente é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Após passar pelo DOPS Frei Betto chega ao Presídio em 12 de dezembro. Somando seis frades encontram-se presos ali: Ivo, Tito, Betto, Fernando, Roberto Romano, Giorgio Callegari<sup>12</sup>, além dos ex- frades João Caldas Valença e Nestor Mota. No entanto os prisioneiros estão impedidos de celebrar missa no presídio Tiradentes, pois tal gesto seria reconhecer que os religiosos não são terroristas. Os dominicanos mesmo sem autorização episcopal e do estado, improvisam os materiais e passam a celebrar missa. O grupo passa a receber visitas de diversas autoridades religiosas sempre supervisionadas pelo diretor do presídio.

Em setembro de 1970 em retaliação às reivindicações dos religiosos por melhores condições, os dominicanos foram separados, por diversos quartéis são reunidos novamente no presídio Tiradentes a partir de outubro de 1970, onde algumas de suas reivindicações são atendidas graças à repercussão até em nível internacional. Frei Tito é libertado em troca do embaixador da suíça em Janeiro de 1971, e Frei Giorgio Callegari é libertado pela justiça. Agora só restam presos Ivo, Betto e Fernando.

A grande transformação passa-se quando da condição de presos políticos são relegados à condição de presos comuns, são misturados a presos comuns nas penitenciárias do Estado, do Carandiru e presidente Venceslau. Onde passam a sofrer com todos os perigos de conviver com presos comuns o que os protege inicialmente é a fama de terrorista que lhes foram imputadas pelo estado, e posteriormente o trabalho humanitário que realizam até serem libertados em 1973.

### **Considerações Finais**

Aliando a concepção do estudo dos intelectuais oferecida por Sirinelli de que o historiador deve evitar produzir juízos de valor sobre o intelectual pois ele deve “Sobretudo, tentar destrinchar a questão das ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de sua época” (2003, p.261.). Foi uma das linhas mestras deste trabalho onde busco analisar a produção de Frei Betto sobre os quatro em que os frades dominicanos estiveram presos pela Ditadura Militar Brasileira.

---

<sup>12</sup> Sociólogo sacerdote italiano naturalizado brasileiro, militante da ação católica. É ordenado após sair da prisão em 1971 em São Paulo, já em 1975 é expulso do Brasil e passa a desenvolver trabalho pastoral em outros países da América Latina a exemplo da Nicarágua. Retorna ao Brasil em 1984 exercendo trabalho pastoral em SP até a sua morte em 2003.



## REFERÊNCIAS

### Fontes

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue** – A luta clandestina contra a ditadura militar – Dossiês Carlos Marighela & Frei Tito. Editora Rocco, Rio de Janeiro, (14ª edição, 2006). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009.

BETTO, Frei. **Diários de Fernando: Nos Cárceres da ditadura militar brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

### Bibliografia

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. *A história das religiões*. IN: USARKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.p. 19-52.

BOBBIO, Norberto: **Liberalismo e Democracia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

BOURDIEU, Pierre: **Razoes Práticas: Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 2007.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto**: da Teologia da Libertação á mística ecológica. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Revolução e Democracia (1964(...))-As esquerdas no Brasil; v.3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.387-408.

CIAMBARELLA, Alessandra. **Do Cristianismo ao maoísmo**: a história da ação popular. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Revolução e Democracia (1964(...))-As esquerdas no Brasil; v.3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.99-130.

CHAMPION, Françoise. **Religiosidade flutuante, ecletismo e sincretismos**. In: DELUMEAU, Jean (dir.). **As grandes religiões do mundo**. Lisboa: editora Proença, 1996.p.705-733.

COUTROT, Aline. **RELIGIÃO E POLÍTICA**. IN: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 331-364.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. **Catolicismo: Direitos sociais e direitos humanos (1960-1970)**. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano- O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fim do séc. XX**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V.4. p.93-132.

DELGADO, Lucila de Almeida. **Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na Democracia**. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano- O tempo da experiência democrática: da redemocratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V.3. p.127-154.

HOBBSAWM, Eric: **Era dos Extremos: O Breve século XX (1914-1991)**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

LÖWY, Michael. **As esquerdas na ditadura militar**: o cristianismo de Libertação. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Revolução e Democracia (1964(...))-As esquerdas no Brasil; v.3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.p. 303-320.



MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**: São Paulo: brasiliense, 1989.

MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira (1890-1930)**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1988.

PINTO, Louis. **Carta a amigos estrangeiros sobre intelectuais franceses**. IN: BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. (Org.). **LIBER 1**. São Paulo. EDUSP, 1997. p.207-211.

REIS, Daniel Aarão. **O Partido dos Trabalhadores: trajetórias, metamorfoses, perspectiva**. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Revolução e Democracia (1964(...)-As esquerdas no Brasil; v.3)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 503-540.

ROMANO, Roberto. **Igreja contra Estado** (crítica ao populismo Católico): São Paulo: Kairós, 1979.

SIRINELLI, Jean François. **Os intelectuais**. IN: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.